

Foi inaugurado um novo bar-restaurante, gerido por jovens, e aparentemente muito bem mantido, até com ar condicionado, no caminho para o hospital – praça principal – ponto Internet - casa. Ao voltar, após ter trabalhado das 8 às 15, para terminar de copiar “Bissau dois”, parei e comprei uma sande com queijo e presunto. Como se diz, quem bem começa.... O queijo está a revirar-se no estômago e me dá acidez.

Antes de me dar conta disso, falei entusiasta do local com Abdoul. Comentou que não entrava no bar por razões religiosas, por ser muçulmano. E fez-me lembrar da minha mãe, que sempre dizia “Nunca entrei num bar, em toda a minha vida”. Dizia-o, a nós, seis filhos, como a destacar o quanto sempre tivesse pensado em nós e nunca em si mesma. Houve um tempo em que me sentia culpada de existir, até por causa disso. Hoje, se ela estivesse aqui (faleceu em 1990, há 26 anos), dir-lhe-ia: “Errou, porque pais felizes fazem felizes os seus filhos”.

Sempre falando com Abdoul, o meu co-inquilino Senegalês, dizia-lhe como, a meu ver, muitos muçulmanos tenham ideias que ele também considera arcaicas, como o *burqa* (em guineense, *kala*) para as mulheres, porque não há, entre eles, uma única figura poderosa, como o Papa para os católicos, que se preocupa em atualizar as normas iniciais à situação hodierna. Por isso, muitos muçulmanos recorrem ao Alcorão, que, todavia, remete à situação cultural do 600 d.C., segundo a modalidade cristã de contar os anos. O Papa, ao contrário, para além dos horrores históricos dos quais muitos pontífices participaram, até mesmo em épocas recentes, tem o poder de mudar muitas normas e atualizá-las conforme a situação histórica e cultural do momento.

Por exemplo, após ter lutado contra os padres que queriam casar, percebeu que o movimento era tão grande que resolveu conceder uma licença e a possibilidade, para os padres, de casar com rito religioso católico. Eles permanecem padres pela vida inteira, embora não possam mais ministrar os sacramentos em público. Analogamente, o catolicismo está a rever o tratamento reservado a quem divorciasse e casasse novamente. De fato, somente na Itália há 60% de separações.

Pois bem, falta, ao mundo muçulmano, uma figura única tão poderosa; e ainda há tantas correntes internas, a começar pelas duas primeiras, históricas, os xiitas e os sunitas; Abdoul observa a linha dos Profetas.

Hoje, segunda-feira após Páscoa, o ponto Internet está aberto, porque é gerido por muçulmanos, coisa que, antes, não citei. Portanto, cheguei no horário da abertura e os computadores ainda não haviam sido ligados. A minha intenção era terminar a primeira versão daquilo que escrevi até 26 de março, ainda em forma de rascunho, para entregá-la no dia seguinte à diretora do sector, que fala e lê italiano, deixando-lhe total liberdade para mudar ou acrescentar algo. Pois bem, para que os velhos computadores comessem a funcionar, foram necessários murros e pancadas. Como se diz, os “bons modos” são a chave que abre qualquer porta. Vem-me à cabeça a teoria da ‘panelada’ da mãe do meu marido. Frequentemente, ele me conta de como o pai passara por um período de depressão e de como voltou a estar bem depois que a esposa, a mãe do meu marido, desferiu-lhe um golpe na cabeça com uma panela. A mãe do meu marido era muito simpática. Faleceu em 2004 e entre ela e eu havia um laço especial.

À noite, o muezim, ao invés das litánias faladas de sempre, executou um canto maravilhoso e longo, todo em menor. Não sabia o porquê, mas devia ser um dia especial, embora, como estudei em etnomusicologia, para os muçulmanos não se trata de canto, não se trata de música, porque não se pode misturar, segundo os seus princípios, a música profana com a oração sagrada. Pergunto a Abdoul: é o dia comemorativo do nascimento do Profeta.

Ao sair, pela manhã, para a nova semana de trabalho, uma semana curta por conta do feriado da segunda-feira, encontrei inteiras equipas de cantoneiros, desta vez providos também de carrinhos. Senti um aperto ao coração quando percebi que os trabalhadores eram comandados por um capataz. E isto não é diferente da Itália, onde esse tipo de situação pode até ser pior.

Num país como a Itália, com o tão falado bem-estar, há capatazes a organizar equipas de trabalhadores braçais, hoje sobretudo pessoas que provêm de países extra europeus, explorados além de qualquer limite no trabalho agrícola ou, como eu mesma já constatei, seleccionados brutalmente diante de lojas que vendem materiais de construção, com o capataz a apalpar braços e ombros, para escolher os mais fortes, a serem enviados para trabalhar nos canteiros de obras de construção civil e sítios análogos. A escravatura voltou, não apenas na Itália, diante dos olhos de todos, claramente, mas ninguém faz nada para deter essa prática lamentável.

Ainda, ao repensar na ausência de psiquiatras e cursos de psiquiatria, lembrei como, no ano passado, durante alguns dias em que estava em Bissau, um rapaz, estudante de enfermagem, que trabalha como jardineiro (este ano também o encontrei, e ainda trabalha como jardineiro, já que está no último ano do seu

curso), mostrou-me, para ter a minha opinião, as suas anotações em português sobre enfermagem psicológica e psiquiátrica. Tudo muito correto, mas tão antigo e ultrapassado!

No sector, encontrei imediatamente a diretora, que não via há alguns dias, porque ela é também supervisora para a SIDA em outros centros do País e, por isso, ficou ausente alguns dias. Dei-lhe o meu material escrito e ela, testemunhando-me grande apreço, começou a lê-lo. Mas havia uma imensidão de trabalho a ser feito. Portanto, interrompeu a leitura e prometeu-me que teria recomeçado à tarde.

Hoje, após quatro dias de festa, apresentaram-se pelo menos 60, 70 pessoas. Por sorte, muitas vieram só para pegar os fármacos, e, sempre por sorte, muitos testes resultaram negativos.

Como já disse, T. fora não apenas envolvida mas literalmente capturada, e assim será por toda a semana, pelo trabalho por conta da Unicef que, como já informei no ano passado, retém para si os 80% dos fundos que recolhe. Este trabalho, especificamente, deveria ser para o Fundomundial, mas, a me ver, não tem quase nenhuma diferença, considerada também a atitude, aliás, a falta de atitude das Nações Unidas diante da tragédia do verão passado e que desde então continua, relativa ao êxodo da África, diante dos naufragos, das mortes terríveis, da diáspora rumo à Europa com muros e barreiras e arames farpados postos por algumas nações.

Assim, trabalhei com B., ela também envolvida entre consultas e trabalho por conta da Unicef. Para o restante da equipa, dir-se-ia que as condições mudaram: 5000 francos ao dia, isto é, menos de 8 euros, mas por um horário menor.

Fiquei impressionada com uma mulher, muito nova, que aparentava grande sofrimento físico e que abandonara a terapia, e que já estava a ser tratada por nós. Veio com a mãe, que nada sabia da tentativa terapêutica anterior. A mulher não tinha mais a carteirinha e JQ conseguiu encontrar os seus dados no computador para poder recomeçar o tratamento: mais um exemplo de organização perfeita.

Sempre trabalho burocrático para registar as datas dos testes, trabalho do qual não mais falarei porque é rotineiro, quotidiano, e várias pessoas internadas, muitas vezes acompanhadas aos sectores pelos enfermeiros; a essas pessoas foram receitadas outras análises para que, no final do período de internação, possam receber a alta com um quadro completo da sua situação sanitária, que incluía também a resposta ao teste da SIDA, como já aponte.

Contudo, fiquei impressionada também por conta de outra pessoa: grande, magérrima, interrompeu o tratamento em janeiro. Por qual razão? O único filho sobrevivente, nem mesmo direto, não a acompanhava. A expressão da mulher não confirmava a resposta. Quer recomeçar o tratamento e observar as várias datas das análises conosco. Mas, então, que iria acompanhá-la? Irá pedir a alguém do grupo familiar estreito. Mais um elemento que ia fortalecer a minha desconfiança. A mulher poderia ter solicitado antes essa ajuda...

O olhar de B., assim como o de T. noutras circunstâncias, testemunha a sua admiração na minha capacidade de leitura do não-verbal. Como afirmo no meu artigo do ano passado, os sentimentos estão, a expressão dos sentimentos está em todas as etnias e em todas as culturas; no nível dos sentimentos, somos mais parecidos do que diferentes.

Apresentaram-se também mais duas novas entradas, às quais propomos de se juntar ao grupo.

E, mais, encontrei o rapaz que, há algum tempo, com T., fomos visitar no sector de nefrologia e tinha desatado a chorar. Estava melhor. Cumprimentamo-nos com grande afeto. E é excepcional notar como todas essas pessoas que vêm aqui para cuidar de si, que trazem dores físicas e psicológicas, depois que nos perguntamos como estão, sempre respondem com um “e tu, como estás?”, “kuma”, isto é “kuma kubo manci”. Este rapaz também me perguntou “kuma”.

Ao sair do hospital notei, e não o havia notado antes, que nos cantos do pátio há mulheres que preparam braseiros e cozinham, a pagamento, para os internados.

E o sentimento que sinto é de perdoar. Perdão. Suscitam ternura quando conseguem uma pequeníssima margem sobre qualquer coisa, pensando que sabe-se lá qual transgressão cometeram, quando na verdade não foi nada mesmo. E nós perdoamos, perdoamos infinitamente quando percebemos que não há intenção má, não há má fé, circunstâncias em que saberíamos nos defender.

Hoje percebi melhor o preço da detenção de T. por parte da Unicef – Fundomundial. 15 euros por dia, com horário ilimitado, para trabalhar sobre os dados de Bissau, tarefa que deveria terminar esta semana. Veremos. Para ir ao interior do País, e portanto com dedicação exclusiva e total, o preço deveria ter sido ainda maior, e eu sabia disso. T., porém, já dissera que não estava disponível a ir ao interior, portanto, para que não perdesse esta remuneração extra, ofereci-lhe o valor deste resgate, deixando-a, todavia, livre de escolher conforme a sua consciência, considerando que havia assinado um contrato que representava, de alguma forma, um vínculo. T. teve de cancelar, sem conseguir definir uma outra data, o encontro com a senhora que, a título privado, seguíamos juntas. Ao encontrar T. hoje, arrasada, deu-me a

impressão de uma bolinha enlouquecida que já não sabe mais aonde ir. O que move as pessoas é a necessidade premente de dinheiro.

Com B. pude seguir somente duas mulheres. Uma muçulmana com seu *kala* à qual pedi para falar com o marido, já que ela não sabia quantas esposas ele tinha. A outra, uma recém-chegada, demonstrava-se convencida a seguir o tratamento, e propomos-lhe de entrar no grupo.

A filha de uma pessoa da equipa estava com um problema de saúde e, já que eu tinha em casa o fármaco adequado, trazido da Itália, que aqui não se encontra, fomos buscá-lo. Depois voltei ao hospital a pé, sob o sol das 11.

Desde o início da manhã, sentia-me ótima: a diretora me disse de ter lido todo o meu texto, até o dia anterior à Páscoa, de tê-lo apreciado, de ter dado muita risada e ter lembrado muitas palavras italianas. Corrigiu somente uma palavra, por maior precisão.

Daí, tinha que enviar tudo pela Internet, como já concordado com JQ, ao meu tradutor em inglês na Escócia que, já contactado pelo telefone, ofereceu-me a possibilidade de mandar traduzir tudo diretamente em português por uma sua colega, bilingue. De fato, a diretora e eu pensávamos que JQ, por conhecer bem o inglês, poderia, depois, traduzir do inglês ao português. A proposta do meu tradutor escocês, todavia, foi excelente.

Pois bem, uma odisseia de mais de 2 horas. O hospital não tem cobertura económica nem para a Internet. Portanto, há um mês não era utilizada. Isso implicara bloqueios dos chips, necessidade de novas conexões, com a oferta, feita por mim, de reativar a conexão pelo menos por três dias. Uma vez resolvida arduamente esta questão, o velho computador não conseguia conectar-se. Foi uma estudante dinamarquesa que nos socorreu com o seu computador portátil de ponta. Ela está a fazer um estudo no sector, acredito para a sua tese. A mensagem partiu, em 15 dias teremos a tradução em português e mal posso esperar para dar uma cópia ao imunologista, a T. a B. e, por que não, deixar também uma cópia ao hospital, para todos os demais.

As pessoas aqui na Guiné-Bissau têm o hábito de cuspir na rua, homens e mulheres, e até mesmo alguns profissionais. Cospem no chão, já que a maioria das ruas é de piçarra. E a terra absorve, desinfeta tudo. Cuspir no asfalto é outra coisa. Faz-me lembrar da China e do quão devia ser terrível ter que limpar as escarradeiras comuns. Estive lá em 1978, convidada com outros pelo Partido Comunista Chinês de então, durante os anos da minha contestação juvenil.

E, ao voltar para casa, pensava: “Todo o meu respeito para os profissionais, todos, do sector, que estudaram no exterior e retornaram aqui, para a Guiné-Bissau”. Deve ter muitos, no hospital inteiro! Quantos, em toda Bissau, em todo o País! realmente, a eles todo o meu maior respeito! E isso, em parte, modifica e ajusta o que escrevi no ano passado.

Aqui dirigem os carros feito loucos; mas, acostumada ao trânsito de Roma, não me espanto. Aliás, eles espantam-se, os motoristas, ao ver-me pular no meio da rua para atravessar, ao passo que os Guineenses são bem mais prudentes e medrosos.

Hoje cheguei um pouco mais tarde ao meu sector para aproveitar com calma o passeio matutino e também porque tinha algumas questões pessoais. Ao olhar ao redor de mim, com mais calma, fiquei admirada com as casinhas pintadas. Quando são pintadas, alardeiam cores pastel vivazes que lembram, embora de modo espalhado, as casas da ilha de Ponza, na costa do Lácio, na Itália, e também as casas daquele bairro famoso de Buenos Aires, cujo nome agora me foge à lembrança, onde estive por um congresso mundial de psicologia. Esse bairro é o primeiro dos imigrantes, inclusive muitos italianos, e não raramente os italianos não lembram ou fazem de conta que não lembram. O bairro está próximo ao velho e primeiro porto da cidade, agora não mais ativo, e lá, lá mesmo, nasceu o tango, a música do tango, que tem muitas influências tanto da Itália do sul quanto africanas; a música, única maneira para comunicar entre tantas nacionalidades distintas. É isso, as cores dessas casinhas, quando são pintadas, lembram-me essas duas realidades.

Voltando ao hábito de cuspir e jogar o lixo na rua, tenho que dizer que isso tem, por um lado, uma raiz cultural (e baste pensar nas escarradeiras chinesas, que já mencionei, ou no hábito em Nápoles, de atirar o lixo ao chão) e, por outro, é também uma questão individual. De fato, conheço um inglês (o inglês que, como idioma e talvez como algo mais, é hoje o dono do mundo), pessoa, por sinal, de grande cultura, que enfia os dedos no nariz e depois os limpa na calça, limpa os seus ouvidos na frente dos outros e nem sempre, quando vai ao banheiro, puxa a descarga.

Ao chegar ao sector, havia pouca gente, sobretudo pessoas para fazerem análises de controlo e reservas, além de novos testes de pessoas internadas. Mas, muitas vezes, para os novos testes, as pessoas chegam às 10 da manhã.

Então, resolvi ir ver, na cirurgia, o pai da amiga de T., ainda internado, o senhor doente terminal de câncer. Diz-me que está bem, que está contente em me ver, podemos falar pouco, porque T. não está e eu

entendo o crioulo, mas não o falo. Um olhar longo, intenso, segurando as nossas mãos e, naquele olhar, havia toda a consciência da morte: quando não se sabe, a morte não manda recado mas, neste caso, trata-se de uma morte anunciada.

Enquanto me dirigia ao sector, encontrei pelo hospital um homem, recém chegado à terapia da SIDA, com o qual conversei enquanto trabalhava com B. e que me deixara preocupada, porque temia que pudesse abandonar a terapia e recorrer à medicina tradicional, já que trazia - e ainda o fazia no momento do encontro - o bracelete típico dos animistas, caveirinhas brancas alternadas por missangas negras. Este tipo de adereço é o que mais dá sorte segundo o animismo, em relação ao outro, com as caveiras coloridas. Pois bem, este homem fala um pouco o francês. Pergunta-me se faz bem a praticar desportos, caminhadas e futebol, respondo que sim. Pergunta também se tem que seguir um regime especial, digo que não, não precisa. Saliento a importância do tratamento e dos controlos, mas também que é muito bom praticar desportos.

Ao retornar para o sector, falo com a diretora, explico que o meu texto anterior já foi para a tradução e que estará de volta em 15 dias. Está contente. Falamos da possibilidade que possa ter alguma aplicação em nível político. A diretora está segura disso e me diz que irão conversar a respeito.

Com efeito, até ao falar com o meu co-inquilino Abdoul, que está aqui há dois anos, fico a saber, e a diretora concorda, que o Presidente da Guiné-Bissau é uma excelente pessoa, mas está distante do governo, onde acontecem os jogos de poder.

Ainda novidades a respeito do trabalho Unicef – Fundomundial: a recolha de dados para Bissau durará ainda toda a próxima semana e talvez irá ocupar dois ou três dias da sucessiva; portanto, por todo esse tempo, T. não estará disponível para a formação. Encontro, entre outras coisas, o imunologista, cumprimentamo-nos calorosamente. Ele também está envolvido em nível organizacional com aquele trabalho. Fala na questão desanimadamente, mas também conformado por como é gerido o trabalho e pelos valores baixos oferecidos. Diz-me em francês: “é isso aí, é esta a política mundial”.

Ao retornar na sala de consulta, assisto a uma entrevista de B. com um homem, um militar, recém chegado, mas que mora longe demais para participar do grupo. B. realiza uma entrevista quase perfeita. Diz-se “quase perfeito” também de um genitor, quando é excelente. Na Itália, há um livro com este título: a perfeição não existe. A voz de B. é muito suave, muito doce, calma, já pergunta, sempre, quais são as preocupações que a pessoa ressentida. Quando o homem sai, faço-lhe meus parabéns, digo que estou muito orgulhosa pelo trabalho dela. B. diz-me que é porque eu ensinei. respondo em português: “Obrigada”.

Para terminar, uma jovem de 21 anos, aos prantos, porque acabou de saber que o seu teste deu positivo. Faz a sua entrevista com a assistente social, já que nós estamos com falta de pessoal por conta do bendito trabalho da Unicef - Fundomundial. Reconheço, em crioulo, os sermões, as tentativas de minimizar, nunca tive a oportunidade de falar com a assistente social sobre essas práticas. B. estava presente, e traduz as minhas falas: “O que significam essas lágrimas?” pergunto. “A dureza de ter que enfrentar pela vida inteira essa doença”. A moça não tem namorado, já teve e provavelmente foi ele que passou o contágio, acredito. E sinto a raiva da garota contra esse rapaz. Respondo com um “Compreendo que, na tua idade, tão jovem, é difícil ter que enfrentar a sexualidade sempre com a proteção”. Despedimo-nos com um abraço e replico-lhe a raiva que sinto para aquele namorado anterior. Pois bem, apesar dos sermões e das tentativas de passar segurança, a assistente social, que vou chamar O., já que, daqui em diante acredito que falarei nela outra vez, no começo tem uma excelente intuição ao invés de começar a dizer quais são as características sociais e sanitárias da SIDA, como se fosse algo a chegar de cima para baixo, pergunta à garota: “O que sabes das características dessa doença?”. Excelente sugestão que remeto a O., que faço notar a B. e que proponho de usar sempre, no começo, para que a pessoa se sinta, de imediato, partícipe.

Seguramente, aqui também existe o suborno, e inclusive em formas mínimas. Tinha acabado de comprar um pão, vendido por um garoto com uma cesta, num canto do mercado. Estava prestes a pagar quando o miúdo saiu correndo, de tal forma que até deixou cair alguns pães. Corri atrás dele, para pagar. Certamente, deve ter visto alguém perigoso para si.

Como na Itália do sul a máfia e a *camorra*. Só que, na Itália do sul, tem nome. A máfia existe também noutros muitos países e ao norte da Itália. A filha de uma minha ‘cliente’ que queria ir viver e trabalhar na Austrália, graduada em física com nota máxima, antes, para poder entrar, teve que demonstrar de possuir 5000 euros numa conta bancária, e teve que fazer um curso de padeira, porque lá somente são aceitos os imigrantes que façam algum trabalho manual. Chegando lá, na ‘moderna Austrália’, tentou trabalhar como física, através das agências de emprego. Todas responderam “Sim, claro, vamos encontrar um trabalho para ti, mas queremos uma percentual do teu salário”. Lá, o suborno é oficial. Outro exemplo, muito esclarecedor, é o que aconteceu com uma minha amiga, que é restauradora de obras de arte e que

ganhou um concurso como funcionária pública numa cidade do norte da Itália, perto de Milão. A responsável mantinha todos os funcionários públicos ociosos e mandava fazer, e recebia suborno para isso, o trabalho todo por empresas terceirizadas. Fez até cortar ao meio um quadro, uma tela, porque não passava pela porta.

Em toda Bissau há inúmeras mangueiras espontâneas e agora os frutos estão a amadurecer. Um homem, com uma vara muito comprida em cuja extremidade há uma bola de panos amarrotados, faz cair as frutas, que depois venderá nalguma esquina.

Aqui, em relação a Farim, é muito menor o número de mulheres com um miudinho nas costas, os pezinhos a despontarem na frente, e um pequeno bando de outros filhos a segui-la. A diretora confirmou que, hoje, em Bissau, nascem dois, máximo três filhos por cada mãe.

Há alguns dias, estamos com problemas no fornecimento da energia elétrica, em Bissau. Vai e vem. Por isso, hoje, embora haja muitas pessoas, não foi possível fazer os testes.

B. acolheu um homem recém-chegado (o teste da SIDA pode ser feito sem eletricidade), que aparentava grande convicção e ao qual foi proposto o grupo. De seguida, uma mulher surda. Não foi possível, por causa disso, fazer a entrevista ou contar com a ajuda de quem a acompanhava, porque não tínhamos certeza de que a mulher concordasse com o fato que tal pessoa tivesse ficado a par da sua doença. Mais uma vez, grande respeito.

Mais duas entrevistas, com duas novas mulheres recém entradas às quais B. perguntou, de imediato, graças à minha sugestão de ontem, derivada da iniciativa felicíssima de O. o que já sabiam sobre SIDA, graças a (essas pessoas têm uma criatividade fantástica) televisão, rádio, tabanka. Mais uma vez, digo-lhe que estou muito orgulhosa do trabalho que está a fazer.

Na sala de consulta quase sempre trabalha também R., analista, para as entrevistas intermédias. A sua atitude é muito bonita, a meu ver, acolhedora, intimista.

Finalmente, mais uma mulher que B. acolhe; é seropositiva, diversamente do marido, e tem dois filhos, um dos quais muito pequeno. Disse que vai pensar se iniciar ou não a terapia, porque receia que o marido possa descobrir.

E hoje percebi melhor o que está a fazer a estudante dinamarquesa com outros seis colegas, não está a trabalhar numa tese, mas estão, todos, a fazer uma pesquisa em sete sectores distintos do Hospital Nacional Simão Mendes.

O sol, na verdade, é violento em geral. Já vinha percebendo isso, com o progredir da idade. De fato, há alguns anos, na Itália, durante o verão, prefiro a montanha à praia. E, ao estar na praia, prefiro as horas da tarde, quando, a partir das 14, a força do sol começa a suavizar. Aqui, além de aproveitar das primeiras horas frescas da manhã, começo a renascer a partir das 17:30. Muitas vezes, ainda, ao acordar no meio da madrugada, aproveito da ausência do sol violento para refletir, relaxar e bordar.

O enfermeiro-chefe Senegalês com o qual trabalhei no ano passado em Farim, e que encontrei em Antula, fazia-me refletir sobre o facto que, se os homens ao governo repassam tão parca sustentação ao Hospital Nacional central de Bissau, imaginemos qual possa ser a situação no restante do país, nas áreas mais distantes do centro e ainda mais esquecidas.

Ainda, ao ir da região central da cidade, onde moro e onde está situado o hospital, em direção a Antula, a sensação é quase desesperadora, ao observar o aumento exponencial da sensação de pobreza que descrevi amplamente no ano passado e cuja releitura sugiro. Sinceramente, após este 'passeio' rumo aos bairros mais distantes do centro, como Antula, e enquanto estava a caminhar, tinha a sensação que a miséria gritasse, cada vez mais, e, em simultâneo, pensava que o estar aqui, no centro de Bissau, o viver e trabalhar no Hospital Nacional, era como estar, em comparação, numa ilha feliz.

Enquanto, num ponto determinado do bairro de Antula, de um lado da rua, festejava-se com músicas e danças os 50 anos de ministério de um missionário Oblato, do outro lado da rua, no mesmo ponto, um ritual animista expressava-se com músicas, danças e procissões; ao estar no meio da rua, as duas festas misturavam-se um pouco. Dizia-me o enfermeiro Senegalês, a respeito do ritual animista: deve ser um casamento, um funeral ou uma iniciação.

Quanto à semana de trabalho que passou, falarei em geral, mas só darei destaque aos eventos mais importantes. Como já disse, todos os dias repetem-se várias funções: medição e peso dos pacientes e o seu encaminhamento; as tarefas burocráticas ligadas ao agendamento dos testes. Eu contribuo com ambos.

T. ainda está refém da Unicef e B., a cada dia, melhora. T. acabou por aceitar ir para o interior: assim, o nosso trabalho de formação só poderá recomeçar daqui a mais uma semana. Com R. entretanto, ligamos novamente a todos os participantes, com dois dias de antecedência, para confirmar aos antigos e também aos novos do grupo que o encontro acontecerá "na quarta-feira, uma hora".

Foram poucas as pessoas novas que ingressaram no programa de terapia, e o perfil é igual àqueles das pessoas já descritas. Este número contido deve-se também a algumas iniciativas de greve, durante a semana, por causa do atraso nos pagamentos. Nessas ocasiões, B. e O. não vieram ao trabalho. R. substituiu-as a contento.

Percebi melhor, e com horror e revolta crescentes, a razão da recolha de dados do Fundomundial. Na minha ingenuidade, imaginava que por trás houvesse um objetivo nobre de pesquisa, embora mal pago e imposto. Na verdade, o escopo é saber quantas pessoas com SIDA, em todo o país, conseguem escapar até 12 meses, quantas até 24 meses, quantas já bateram as botas ou estão prestes a morrer, quantas ainda tomam os remédios. Tudo isso só para definir quanto dinheiro repassar, e se este dinheiro está a ser bem gasto! E a diretora me diz que, muitas vezes, no sector faltam os fármacos essenciais.

E isso, levando em conta que, há relativamente pouco tempo, a Índia sintetizara um fármaco contra a SIDA tão eficaz quanto os existentes, mas com um custo infinitas vezes menor. As casas farmacêuticas do “mundo industrializado”, por conta disso, organizaram-se para impedir que o novo remédio, tão mais acessível economicamente, fosse comercializado.

Ainda, ao falar com a diretora durante a semana, soube de como, antes de 2005, as pessoas morressem todas de SIDA e o Brasil pressionou para que, nos países em dificuldade, fossem implementadas as terapias. Talvez seja esta também a causa dos abandonos: 11 anos são poucos demais para acostumar-se a não morrer, para deixar de ser conformado.

Nesta semana, encontrei também, na rua, duas mulheres, uma ao lado da outra. Uma delas era claramente de religião animista, toda colorida, com a criança amarrada nas costas, esta também toda colorida. A outra, claramente muçulmana, com o *burqa/kala* que a cobria por inteiro, segurava nos braços uma miúda que estava com menos de seis meses de idade, ela também com o *burqa*.

Quando vou ao mercado, sempre encontro com um anão feliz. De fato, como relato no meu trabalho do ano passado, as crianças com alguma deficiência são mortas, o que não é tão distante do nosso conceito de aborto terapêutico, com a diferença que, aqui, as mulheres não têm os instrumentos para saber com antecedência da condição da criança. Sei de um pai muçulmano que, por exemplo, na região de Farim, lutou contra a família e o vilarejo para que o seu filho, deficiente, vivesse. Pois bem, a impressão que tenho é que este anão esteja feliz porque sabe que sobreviveu.

Houve também duas situações paradoxais entre as novas entradas seropositivas esta semana, situações que denunciam um descaso muito grave. Uma mulher e um homem já haviam feito o teste há pouco tempo, em laboratórios privados distintos que, evidentemente, por não dispor do material necessário, mas ao querer de qualquer forma ganhar dinheiro, certificaram a negatividade à SIDA!

E, esta semana, houve também a segunda sessão do grupo, há 15 dias da primeira.

Na noite antes, fui acometida por um pensamento: durante as entrevistas para as novas entradas, nós falamos das experiências de vida e dos sentimentos relativos ao presente e ao futuro das pessoas acometidas por SIDA. Seria importante perguntar-lhes se já têm uma ideia formada ou se imaginam como possam ter sido contagiadas: por via sexual, pelo sangue, pelos entorpecentes. As pessoas podem não ter ideia, mas, se a tiverem, acredito que seja importante falar com elas também dos sentimentos que experimentam, das vivências relacionadas a isso: por exemplo, em relação a um parceiro, uma esposa ou um marido, um passado ou um presente em que são ou foram viciados em drogas. Assim, resolvo falar com B. e R. a respeito desta reflexão e ambos parecem interessados e impressionados com esta nova perspectiva.

Pouco antes do grupo, tive uma outra conversa com R. sobre religião. Agora, R. é católico, antes era animista. Expresso toda a minha atenção antropológica e psicológica em relação à religião animista, mais em contacto, a meu ver, nos aspectos positivos, com o inconsciente enquanto “inteligência superior” de Jung, com o “Si Real” de Rogers.

O grupo teria tido, como facilitadores, a mim, a B. e R. Antes, definimos entre nós as linhas iniciais a serem mantidas.

Muitas pessoas, seguramente, pensaram que o hospital estava em greve e o grupo não teria se reunido, apesar dos telefonemas, razão pela qual só apareceram 6 pessoas, quatro homens e duas mulheres. Abri a sessão agradecendo a presença dos participantes e expliquei que, da primeira vez, tivemos a presença importantíssima do imunologista e que, desta vez, teria sido interessante, se todo mundo concordasse, e garantindo o mais completo sigilo, que fossem compartilhados os sentimentos relativos ao SIDA, os medos, as preocupações, a vontade de lutar contra esta doença ou jogar a toalha e abandonar a luta.

Um homem afirma que, antes, estava triste mas agora sente-se forte e pronto para lutar. Mais dois homens, dos quais um diz também da própria preocupação por um problema físico que traz, expressam a sua combatividade. Intrometo-me e digo que estou muito contente ao constatar esse espírito batalhador, mas que é também muito importante deixar espaço aos momentos de tristeza, de desânimo, de menor

segurança. O quarto homem diz então do seu desânimo em relação ao tratamento, sobre a sensação que não esteja a funcionar, o que lhe provoca muitos transtornos no trabalho, por causa dos problemas físicos. De seguida, uma mulher fala da sua preocupação em relação aos resultados dos testes que ainda não chegaram, esta preocupação foi colhida e replicada por B. Mas, no inteiro grupo, R. foi realmente muito importante. A sensação que já tive a respeito das suas grandes capacidades de comunicação e de relação foi confirmada. Mas, sobretudo, após a última conversa com ele, tive a nítida percepção que R., na linguagem verbal e não-verbal, em harmonia entre si, expresse da melhor maneira o espírito católico, isto é a oblatividade, e o melhor do espírito animista, ou seja, o contacto visceral. Era como se houvesse um megafone no seu estômago e no seu ventre que amplificava a inteligência superior do inconsciente.

Encerrei o grupo com agradecimentos e disse que muitos não se apresentaram talvez por pensar que a greve tivesse suspenso o encontro, e lembrei a sessão sucessiva, de lá a 15 dias.

Esta semana, ainda, pude ver como a pessoa da Secretaria para a luta contra a SIDA que tem a expressão suspeita e foi demasiadamente colaborativa em relação ao trabalho para o Fundomundial, não é a única faceta desta Secretaria.

Além do contacto, muito bonito, que mantive, desde a Itália, e que encontrei pessoalmente no primeiro dia de trabalho aqui em Bissau e de quem falo em "BISSAU DOIS", ganhei de presente dois belíssimos cartazes produzidos por essa Secretaria. Um dos dois explica muito bem quais são os riscos da SIDA e as precauções a serem adotadas. O outro diz, em português "Ama a teu filho, assim como ele é". Nada tenho a acrescentar a esta frase: fala por si, e na melhor das maneiras. Pena que existam pessoas como o gajo com aquela cara suspeita, nesta Secretaria.

E, sempre esta semana, aprendi que havia sido definida uma proposta de projeto para ir de casa em casa e recuperar as pessoas que haviam abandonado a terapia contra a SIDA, até pelo fato que, além de tudo quanto já disse, muitas pessoas não têm dinheiro nem mesmo para vir até o hospital. A direção do Hospital disse-me que não havia recursos para tal.

Ainda, lembrei que talvez aqui, como em muitas partes da África, além das razões políticas e económicas, sem dúvida importantes, o facto que a religião muçulmana tenha mais seguidores depende também do evento que aconteceu em 600, com o seu nascimento. Maomé, e sucessivamente o Alcorão, não conseguiram cancelar por completo alguns aspectos das religiões pré-islâmicas, como por exemplo a existência dos "jinni".

Concluo o relato desta semana de trabalho trazendo uma belíssima proposta formulada por B. nos momentos em que estive presente: somente a entrevista inicial não é suficiente para explorar a fundo os sentimentos, são necessários vários encontros. Todavia, as pessoas não têm dinheiro suficiente para vir ao hospital com frequência. Portanto, ao conversarmos, consideramos realizável que, a quem participar do grupo e até que o grupo esteja completo (18-20 pessoas), não sejam propostas outras entrevistas. Com as pessoas recém entradas que não são idóneas ao grupo, podem ser propostos encontros individuais à distância de uma semana.

Tenho plena convicção que todas essas sementes, individuais ou de grupo, podem ter um efeito halo, um eco ampliados: a Guiné-Bissau tem pouco mais de um milhão e meio de habitantes e, obviamente, Bissau ainda menos. E aqui a transmissão oral está viva e forte: de boca em boca, a notícia vai longe!

Enfrentar o problema das origens do contágio da SIDA é coisa bastante complexa e delicada, tanto em nível psicológico individual, quanto em nível cultural. Portanto, é ainda mais importante a proposta de B., de fazer mais encontros com os pacientes.

E, com efeito, hoje fiquei sabendo, por pessoas que trabalham no mundo da obstetrícia, que três das maiores etnias das 32 da Guiné-Bissau praticam a clitoridectomia: nestas etnias, todas as mulheres sofrem a mutilação. Em todo o caso, aqui também seria punido pela lei, e várias organizações ocupam-se da questão. Por sinal, os homens são todos, de todas as etnias, circuncidados. Além da dor que sinto por essas mulheres, com quais cuidados de higiene isso seria executado? A mesma coisa aplica-se para as escarificações e as tatuagens praticadas por várias etnias. Há até mesmo uma etnia na qual a norma reza que essas escarificações devam ser realizadas em todos, com os mesmos instrumentos.

Tudo isso está ligado aos rituais de iniciação, que sempre percebi do ponto de vista psicológico como uma violência da cultura sobre a natureza, um querer arrancar com a força o menino ou a menina do mundo maternal-feminino que representa, no plano arquetípico, o inconsciente. Nada diferente, contudo, para além da condenação por minha parte da mutilação feminina, das normas rígidas, dos *diktat* autoritários que o mundo europeu – e não apenas europeu – de ontem e, em parte, de hoje também, impõem a crianças e adolescentes.

Apesar da grande capacidade do mundo africano de lidar com o tempo, neste caso não se espera que o processo de crescimento ocorra naturalmente, sem renegar à força o inconsciente, isto é, as raízes da consciência. Não quero dizer, com isso, que, noutras partes do mundo, industrializado ou não, hoje a

ausência de normas, como está a acontecer na Itália, dê frutos melhores. Nalgumas destas partes, assistimos, ao contrário, a uma adolescência prolongada, Mas, uma vez mais.... e uma solução intermédia? Nem tanto, nem tão pouco?

Acredito que, a esses rituais, se acrescente a inveja não confessada pelas mulheres, porque podem parir, até criar dentro de si um outro ser humano. Inveja arcaica, ancestral, que se perde na noite dos tempos e se estende à realidade atual, diria, sob várias formas, em todas as culturas. Inveja que, ela também, conduziu historicamente às grandes discriminações contra as mulheres.

Ainda, creio que nas etnias onde é praticada a clitoridectomia, assista-se, como contraponto, a uma enorme procriação. Pois bem, também a gravidez, o parto, a amamentação têm uma valência erótica forte e, mutilada, o erotismo ficaria restrito à mulher, neste campo. Isso casa-se com a inveja: podes criar filhos? Pois bem, faz isto e nada mais, aliás, isto e todas as outras tarefas que permitem a mim, homem, macho, me vingar desta falta impossível de ser compensada.

Noutras partes do mundo, esta mesma inveja atua justamente por não ser reconhecida. Baste pensar à Itália, à discriminação da mulher que escolhe também ser mãe, no mundo profissional, e à sobrecarga de papéis a serem desempenhados que disto advém.

Na história, o inconsciente, ligado ao Feminino, que dá medo, conduziu às bruxas condenadas ao fogo, ou, no catolicismo e ainda hoje, às mulher discriminadas, que, outrora, eram relegadas em sectores separados da igreja, na parte superior, para assistir às funções religiosas. Até mesmo o mundo grego, na mitologia e na história, demonstra grande misoginia.

Para retornar às origens da contaminação por SIDA, também a promiscuidade não parece limitar-se à poligamia ou aos amantes que as mulheres têm, por causa dos casamentos arranjados. Numa etnia, por exemplo, há a regra que, se a esposa faz uma viagem pode ter relações com outros homens e depois retornar com o marido, que também, por ter ficado só, pode ter relações com outras mulheres.

Quanto aos aspectos políticos e económicos dos quais falamos com estas pessoas, para além da falta de pagamento do último salário, a todos, por parte do Ministério da Saúde, dir-se-ia que este tenha admitido vários técnicos, entre os quais B. e O., sem ter o respaldo financeiro para tal, e portanto sem diálogo com a área económica para saber se fosse possível cobrir a despesa desses dois funcionários. Além disso, esta conversa confirmou-me que o presidente da Guiné-Bissau, embora aparente ser uma boa pessoa, dir-se-ia que só dá ouvidos a quem grita mais forte e, portanto, os que mais bradam por suas vantagens pessoais; e também que se rodeou de pessoas, razão pela qual veio a criar-se como uma situação de governo duplo.

Porém, este povo tem um recurso enorme: a solidariedade. Todos ajudam a todos. Eu mesma tive a oportunidade de constatá-lo, todas as vezes que, continuamente, recebia ofertas de ajuda quando transportava 9 quilos de água para beber, do mercado até casa. Todos ajudam a todos mas, diziam-me as pessoas com as quais conversei longamente a respeito, "já que todos ganhamos pouco, podemos ajudar pouco". Resta o grandíssimo recurso da solidariedade, a parte positiva da cultura tradicional, da tabanka, como pude experimentar, vivenciando-a, no sector, no hospital.

Deixei de brigar com o mosquiteiro. Estou em mais da metade da minha permanência aqui e ainda tenho bastante repelente contra os mosquitos que temia não fosse suficiente. Portanto, posso dormir à noite coberta por repelente e eliminar o uso do mosquiteiro, que me limitava os movimentos e no qual, amiúde, acordava completamente embrulhada, o que me dava um sentimento de claustrofobia. Hoje, para mim, é um bom dia ☺.

Acredito que seja também um problema de identidade o facto destas etnias realizarem os seus rituais. Quem seriam, sem os seus rituais, que têm também uma valência histórica?

No sector, os primeiros dois dias da semana seguinte à última que relatei, foram praticamente vazios de aspectos psicológicos específicos, para além de grandes e agradáveis cumprimentos afetuosos com vários pacientes com os quais, até então, conversara e que encontrei, ao retornarem para pegar os remédios. Continuaram as greves em todo o hospital. O sector mais atingido era o das análises clínicas, para nós fundamental. Acredito que sempre por causa das greves estávamos em falta de material para realizar os novos testes SIDA, mas R., com grande prudência, havia constituído uma pequena reserva, para as eventuais emergências. Assim, os primeiros dias passaram sem sobressaltos, somente normal administração ligada à entrega dos remédios e a todas as tarefas concretas relacionadas a isso.

Nos outros dias, o sector de análises clínicas continuou em greve, embora o analista R. tenha conseguido negociar a realização pelo menos de alguns testes. Quanto a nós, recomeçou-se a fazer os testes para a SIDA. Houve algumas novas entradas, às quais foi proposta a participação ao grupo. As pessoas que, todavia, se apresentaram foram poucas, por causa da greve.

E pensava: fora a mutilação feminina, à qual só posso ser totalmente contrária, todos os demais rituais poderiam continuar, desde que fossem observadas estritas normas higiénicas. Compreendo melhor a

insistência do imunologista quanto à necessidade de fazer tanta informação. Compreendo melhor também por que razão, em vista dos rituais, a Secretaria para o combate à SIDA criou outros dois cartazes: um dirigido às mulheres e outro aos jovens.

Não sei até que ponto a clitoridectomia elimine o erotismo, gostaria de estudá-lo. Por um lado, como dizia, há uma parte ligada à maternidade que permanece bem viva e, aliás, parece fortalecer-se. Por outro, aqui nesta casa aparece uma garota muito simpática, de uma das maiores etnias que praticam a clitoridectomia. Não é casada e não tem filhos mas tem um namorado. Pois bem, pede-me amiúde para ligar com o meu telemóvel, visto que tenho uma tarifa conveniente com gratuidades, ao seu namorado: o erotismo que percebo ao redor daqueles momentos é fortíssimo. E também sinto uma grande força e uma energia nas mulheres das etnias que observam tal prática. Esta garota é uma força da natureza.

No penúltimo dia da semana de trabalho, chegou da Escócia a tradução em português de "BISSAU DOIS". Foi possível descarregá-la sempre com a ajuda muito cortês da garota dinamarquesa. Fiz cinco cópias do material no ponto Internet. Uma, entreguei-a de imediato à diretora, outra entregá-la-ei amanhã, e mal posso esperar, à pediatra esposa do imunologista, e uma terceira cópia a B., que prometeu estar presente no sector. Deixei uma cópia com JQ, disponível para todos os demais, José, R., O. ... Ainda tenho a cópia para T. T., "a inagarrável".

Ainda não sei se, como, quando e quanto trabalharemos juntas, na semana que vem. Não se sabe ainda o que fará T., porque, ao que parece, no começo da próxima semana receberá a proposta para renovar o contrato do trabalho para o Fundomundial, que não terminou. Não se sabe se T. aceitará. Encomendara por ela, e chegou, de Portugal o livro "*Eficácia na educação dos filhos*", de onde, com o foco sobre a relação pais-filhos, é possível extrapolar todas as modalidades de comunicação e relação eficazes válidas também para os nossos usuários.

Ao falar com B., no último dia da semana que estou a narrar aqui em BISSAU DOIS bis, parece que esteja disposta, apesar da continuação da greve, a vir ao hospital para trabalhar comigo na formação, e também a pedir o livro emprestado a T.

Espero vivamente poder ainda ser útil para a troca na formação nas duas semanas e meia que ainda restam.

Maria Mirella D'Ippolito
Psicóloga e psicoterapeuta
Viale Londra 47/G/19
00142 Roma – Itália
0039/065031830
0039/3807032471
mmdippolito@tiscali.it
www.mmdippolito.com

Bissau, 16 de abril de 2016